

AURORA

Pour le Chien Terrible

Tenho no hálito a aurora da primavera.
As abas brancas da janela se acenavam sem cessa.
Cessapressa, se me dissera à medida que cedia. As
faixas de sombra não abandonavam a minha atenção,
ora ia rendendo à calma, pacífica ao ruído.
A primeira benção foi, em fitando da bola labradorita
as auróras, um pássaro que dalonge me consentira.
Ri em frescor, a brisa também me abençoando os om-
bros salvos: pelo silvo reconheci o colega.
Abaixei então, um a um, os réus. Da labareda, recuan-
do os ossos. Na planície, onde confessei-me ao aviário.
Na grande cidade, eu afundava lento no traje o mesmo,
e como a esfriar-me de convulsões, espasmos ventos,
da pressa eu desistia.
No fundo do caminho, deserto em brancos e pretos,
renovei-me de oxigênios empesteados, e senti de novo
o Ar d'Ave. A aurora e a criança caíram na falda
da sorte.
Ao despertar eram três.